

## O RISO E O DISCURSO POLÍTICO: CONTRIBUIÇÕES DE FOUCAULT PARA O ESTUDO DO RISO COMO MATERIALIDADE DISCURSIVA

Waldênia Klésia Maciel Vargas Sousa\*  
Eliane Marquez da Fonseca Fernandes\*\*

*RESUMO: Nesta pesquisa, examinamos o riso à luz dos estudos da Análise do Discurso de vertente francesa, com recorrência a Michel Foucault. Mobilizamos, em especial, a noção de enunciado e relações de poder em relação ao discurso político. Para tanto, tomamos o enunciado como materialidade discursiva, possibilitando efeitos de sentido em uma situação enunciativa, envolvendo sujeitos em interação em um dado momento sócio-histórico. O riso, sendo enunciado, suscita interpretações, tem efeito de sentido em situações de interação, apresenta materialidade, tem diversas funções e exerce poderes. Recorremos também a estudos que retomam o aspecto histórico do riso, delineando algumas de suas funções. Selecionamos para este trabalho trechos da entrevista de Dilma Rousseff concedida aos jornalistas do Jornal Nacional, transmitida no dia dezoito de agosto de dois mil e quatorze e também trechos do debate presidencial relativo ao 2º turno das eleições, organizado pela Rede Bandeirantes de Televisão e foi ao ar no dia quatorze de outubro de 2014. No corpus analisamos os diversos risos que emergiram, seus efeitos de sentido e suas funções na cena enunciativa, visando a suprir a necessidade de estudar a linguagem não verbal, contribuindo para a valorização da interpretação de texto multimodais ou que apresentem materialidade exclusivamente semiológica.*

*ABSTRACT: In this study, we examine the laughter in the light of the studies of the French side of Discourse Analysis, with recurrence of Michel Foucault. Mobilized, in particular the notion of utterance and power relations from the political discourse. To this end, we take the statement as discursive materiality, allowing effects of meaning in an enunciative situation involving subjects interacting in a given socio-historical moment. Laughter, and statement raises interpretations, has a sense of purpose in interaction situations, presents materiality, has several functions and exercising powers. also resorted to studies which take the historical aspect of laughter, outlining some of its functions. Selected for this work excerpts from the interview Dilma Rousseff granted to journalists of Jornal Nacional, broadcast on 18 August of two thousand and fourteen and also stretches the presidential debate for the 2nd round of elections, organized by Bandeirantes TV and was the air on the fourteenth day of October 2014. the corpus analyzed the many laughs that emerged, the effects of meaning and their role in the expository scene, in order to meet the need of studying the nonverbal language, contributing to the enhancement of interpretation of multimodal text or which have exclusively semiotic materiality.*

*PALAVRAS-CHAVE: riso; enunciado; relações de poder.*

*KEYWORDS: laughter; statement; power relations.*

## INTRODUÇÃO

Em cada momento histórico e em cada situação enunciativa o riso tem funções, representações e mobiliza efeitos de sentido. Não é diferente quando o analisamos em quando emerge relacionado ao discurso político. Assim, o riso é uma manifestação construída discursivamente. Já estamos tão habituados a vermos as pessoas se mostrando simpáticas, demonstrando cordialidade e felicidade que não paramos para refletir sobre as possibilidades de efeitos de sentido que um riso mobiliza em uma dada situação. O riso é representativo e delinea a maneira de nos comportarmos em sociedade, para tanto, basta observar quantas são as ocasiões nas quais o riso está presente e quantos são os enunciados que controlam e estimulam os momentos em que devemos rir, bem como o mal-estar causado por um riso que aparece em uma situação inapropriada ou um mal-estar causado pela falta do riso em situações em que ele é necessário.

Nos anos 1980 e 1990, por exemplo, os chamados “santinhos” com propagandas de políticos apareciam sérios, isso conferia ao sujeito uma pretensa competência, pois o sério era valorizado. Nos anos 2000, uma crescente valorização do riso no meio político é perceptível e até mesmo as fotos presidenciais ou de governadores que enfeitam as repartições públicas mostram o sujeito rindo. Na atualidade o sério tem efeito negativo e o riso tem efeito positivo. Essa é uma das manifestações do riso que nos impulsiona a empreender esta pesquisa, pois vendo os programas políticos, entrevistas, discursos e debates políticos, o riso emerge constantemente. Assim, entendemos que ele é uma materialidade discursiva. O riso comunica, é interpretável, mobiliza efeitos de sentido em cada situação enunciativa, ou seja, é um tipo de linguagem cuja materialidade é constituída de modo semiótico, e merece uma análise cuidadosa.

Para tanto, recorreremos aos estudos de Michel Foucault que contribuem para os estudos discursivos. Apoiamo-nos principalmente na noção de enunciado, com o intuito de refletir acerca do riso como enunciado, pensando na função enunciativa, no aspecto histórico, nos discursos e sujeitos envolvidos na situação de produção e também nas relações de poder postas em exercício quando o riso emerge. Em seguida, apresentamos um breve histórico do riso, observando suas funções e efeitos em épocas e sociedades distintas. Por fim, analisamos o *corpus* para pensar nos efeitos e funções do riso enquanto linguagem passível de interpretação em relação ao discurso político. Nosso trabalho visa a suprir a necessidade de estudar a linguagem não verbal que frequentemente deixa de ser estudada pelos estudiosos da língua, pois é concebida como complementaridade para o texto verbal. Desejamos, também, contribuir para a leitura, interpretação e valorização daquilo que está materializado em textos multimodais ou em textos exclusivamente semióticos.

## 1. A NOÇÃO FOUCAULTIANA DE ENUNCIADO

O principal objeto da análise arqueológica proposta por Foucault é o discurso e seus estudos contribuem significativamente para o desenvolvimento de uma teoria do discurso. Suas pesquisas estão divididas, por uma questão metodológica, em três fases aparentemente distintas, mas que objetivam compreender os processos de constituição do sujeito. O objetivo de Foucault (1995, p. 231) é “criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos”. Para tanto, o autor toma o enunciado como unidade de análise para compreender os discursos e como eles constituem o sujeito. Salientamos que essa divisão não é estanque e não objetiva separar os estudos foucaultianos, mas observar como esse autor estuda seu objeto – o sujeito – por diferentes ângulos, tendo como aparato a análise de enunciados.

A fase em que Foucault se debruça em analisar o enunciado e o discurso é a arqueológica, representada pela obra *A arqueologia do saber* (2009) e nela o autor reflete sobre suas pesquisas anteriores para tentar estabelecer uma regularidade nas temáticas abordadas. Sobre a obra AS, Machado (2009, p. 141) afirma que essa

não é mais uma pesquisa histórica. É um livro que, embora não se proponha construir, em sentido rigoroso, uma teoria, ou uma metodologia da história arqueológica, tem como objetivo principal refletir sobre o procedimento utilizado e, por vezes explicitado, no trabalho de pesquisas anteriores.

Mesmo sem a pretensão de elaborar uma teoria, Foucault (2009) enuncia importantes noções no que se refere à maneira de analisar os discursos, estabelecer seus poderes e efeitos para a formação do sujeito que é o foco de suas pesquisas. Nas palavras de Foucault, “[a] arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos, mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras” (FOUCAULT, 2009, p. 157). Nesse trecho, fica evidente que o objeto de análise da arqueologia é o discurso.

Em síntese, seu objetivo é depreender as regras de formação do discurso que materializam-se em enunciados de qualquer materialidade. De acordo com Foucault (2009, p. 132), o discurso é “um conjunto de enunciados”. Dessa maneira, para compreender o discurso e suas regras de formação é necessário ter acesso ao enunciado que, por sua vez, não se confunde com a frase, a proposição ou o ato de fala, pois

não se requer uma construção linguística regular para formar um enunciado, mas não basta tampouco qualquer realização material de elementos linguísticos, ou qualquer emergência de signos no tempo e no espaço, para que um enunciado apareça e passe a existir. [...] o enunciado não é uma unidade do mesmo gênero da frase, proposição ou ato de linguagem (FOUCAULT, 2009, p. 97).

De acordo com Foucault é necessário que haja uma materialidade, mesmo que não seja uma sequência gramatical formalmente estruturada. Por outro lado, é fundamental que tal materialidade seja efetivamente produzida por um sujeito, que ocupa uma posição, inserido em determinadas condições históricas e sociais. Portanto, o enunciado não se confunde com uma sequência de signos linguísticos, pois o enunciado é uma função enunciativa, ou seja, descrevê-lo é “definir as condições nas quais se realizou a função que deu a uma série de signos uma existência, e uma existência específica” (FOUCAULT, 2009, p. 123). É importante ressaltar que os estudos foucaultianos conferem à linguagem uma nova perspectiva, pois a noção de enunciado não se restringe ao aspecto verbal e sua substância pode ser linguística ou semiótica. Assim, a análise arqueológica não objetiva estudar a língua, mas o discurso que se materializa em diversas materialidades. Dessa forma, o riso pode ser entendido como enunciado que tem materialidade e faz funcionar discursos a ele relacionados.

O enunciado apresenta uma materialidade, isto é, aquilo que é efetivamente registrado e, portanto, é passível de descrição e análise. A esse respeito Foucault (2009, p. 31) afirma:

um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um *acontecimento* estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade [...] de qualquer forma de registro.

O enunciado é um acontecimento. Assim, a preocupação do autor é “apanhar o sentido do discurso em sua dimensão de acontecimento: para cada palavra, cada texto, por mais que se aproxime de outras palavras e textos, nunca são idênticos aos que os precedem” (GREGOLIN, 2007, p. 92). Cada enunciado é único, pois está ligado à função enunciativa, às regras históricas e sociais de formação e circulação. Porém, o enunciado é passível de repetição, porque possui uma materialidade. Entretanto, sendo a materialidade repetível, o mesmo não acontece com o sentido que esse enunciado evoca. De acordo com Foucault (2009, p. 32), o enunciado, é único, mas “está aberto à repetição, à transformação, à reativação”, isto é, a cada vez que o enunciado for repetido, ele pode tornar-se outro, produzir outro efeito de sentido. Desse modo, podemos atribuir ao riso uma materialidade repetível, mas a cada vez que emerge, já é outro, pois relaciona-se a uma situação enunciativa distinta, envolvendo outros sujeitos.

Portanto, para estudar um enunciado é fundamental remetermo-nos à função enunciativa, pois

[s]e uma proposição, uma frase, um conjunto de signos podem ser consideradas ‘enunciados’, não é porque houve, um dia, alguém para proferi-los ou para depositar, em algum lugar, seu traço provisório; mas sim, na medida em que pode ser assinalada a posição do sujeito. Descrever uma

formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disser (ou quis dizer, ou disse sem querer), mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito (FOUCAULT, 2009, p. 108).

O exercício da função enunciativa constitui-se por práticas discursivas que, por vezes, delimitam e regulamentam a irrupção de um enunciado específico (FOUCAULT, 2009). Essas regras são formadas contextualmente ao longo do tempo e delimitam em cada época o que pode e deve ser dito por um sujeito discursivo. Da mesma forma, a irrupção do riso também é regulada por tais regras anônimas e em razão disso, não se pode rir em qualquer situação. As práticas discursivas regulam os discursos e enunciados, sendo fruto de contingências histórico-sociais e permitem ou não o aparecimento de discursos. Nas palavras do autor (FOUCAULT, 2009, p. 133), as práticas discursivas obedecem a “regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa”. São essas regras que determinam a ordem do discurso, isto é, a irrupção de um enunciado e não outro em seu lugar. Foucault (2009) considera que não se tem o direito de falar o que quiser, quando quiser ou para quem quiser. A função enunciativa é regulada por práticas discursivas e está submetida a uma ordem. O riso também está submetido a uma ordem, já que há situações em que ele é obrigatório e outras em que sua presença é entendida como afronta ou desrespeito. No discurso político, como outrora afirmamos, o riso é constante e assume funções no processo enunciativo.

A função enunciativa envolve o estudo do enunciado, que deve ser proferido por um sujeito autorizado a dizer. Tal autorização social determina o efeito de verdade e atribui a um conjunto de signos, o estatuto de enunciado. Não é importante quem diz, mas a posição que ocupa e o autoriza a dizer. A função enunciativa, portanto, está diretamente relacionada ao exercício do poder, já que para ter efeito de verdade, um enunciado precisa ser dito por um sujeito autorizado por saberes, que por sua vez, constituem a rede de poderes. Em síntese, os risos que emergem nos dados são tomados como enunciado e cabe ao analista descrever suas regras de formação e estabelecer os efeitos de sentido e a mobilização de saberes, bem como analisar a posição do sujeito que enuncia.

Foucault (2009) afirma que o enunciado relaciona-se a outros que o precedem e o seguem e não é possível analisar os enunciados isolados, tampouco analisar todas as relações possíveis entre os enunciados. Porém, é importante saber que um enunciado, junto com os demais, forma uma rede discursiva. Essa rede discursiva é condição *sine qua non* para a irrupção de enunciado, pois sua existência depende de sua ligação com os demais. Assim, um riso se liga a outros risos, respondem a eles e possibilitam o surgimento de outros. Analisar o enunciado é “não tentar restabelecê-lo em um isolamento que nada poderia superar; não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações” (FOUCAULT, 2009, p. 32).

Não basta, para termos um discurso, um conjunto de enunciados dispersos, é preciso que eles se apoiem em uma “mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 2009, p. 132). Os enunciados encontram-se em um meio disperso, mas, mediante as regras de constituição, podem pertencer a uma mesma formação discursiva, doravante FD. De acordo com Foucault (2009, p. 43):

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante dispersão e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, o conceito, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva.

Uma formação discursiva não se delinea apenas por um agrupamento de enunciados que se encontram dispersos. Para Gregolin (2007, p. 96), “descrever um conjunto de enunciados no que ele tem de singular, [...] é descrever a dispersão de sentidos, detectando uma regularidade, uma ordem em seu aparecimento sucessivo, correlações, posições, funcionamentos, transformações...”. Vemos um jogo bastante complexo envolvendo a noção de FD, pois de um lado temos uma singularidade que envolve o enunciado como acontecimento único e repetível, do outro a dispersão de sentidos que esse mesmo enunciado singular pode evocar. De acordo com Silva (2004, p. 161), a noção de FD

possibilitou a Foucault analisar como o saber vai se constituindo a partir das práticas discursivas, como elas engendram os saberes e como cada formação discursiva constrói os objetos de que fala. A tarefa, então, é descrever essas formações discursivas. A elas chegamos pelos enunciados que compõem o discurso de uma época. O enunciado é concebido como a unidade do discurso e, sendo assim, tanto um como outro traduz em sua ocorrência a noção de poder.

Assim, a noção de enunciado relaciona-se a outras desenvolvidas pelos estudos foucaultianos e quando pensamos no discurso político e sua relação com o riso, não podemos deixar de focalizar o exercício de poder, do qual falamos a seguir.

## 2. O RISO E O EXERCÍCIO DE PODER

Ao contrário do que podemos imaginar ao refletirmos sobre o exercício do poder, esse termo para Foucault (2010b) não é apresentado como um aspecto negativo e não é visto como repressivo. O poder é entendido como produtivo, pois constitui os discursos e os sujeitos. O poder não é exercido somente como forma de adestramento, ou seja, ele não se apresenta para escravizar o sujeito, tirando sua liberdade. Ademais, um dos requisitos para que o poder seja exercido é que o sujeito do poder seja livre, quer dizer, que tenha possibilidade de escolha. De acordo com Foucault (2010b, p. 8)

[o] que faz com que o poder seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir.

Delineia-se nesse excerto uma importante reflexão: o poder não tem somente por função reprimir, ele é produtivo, além disso, não há um sujeito que esteja neutro em relação ao exercício do poder que o atravessa, pois o poder também forma sua consciência e cria sua individualidade, potencializa suas ações e capacidades. Entendemos que o riso na atualidade é uma forma de adestramento do sujeito e também proporcionar a ele bem estar, tornando o sujeito dócil e produtivo. De acordo com Machado (2009, p. 172)

não se explica inteiramente o poder quando se procura caracterizá-lo por sua função repressiva. Pois o seu objetivo básico não é expulsar os homens da vida social, impedir o exercício de suas atividades, e sim gerir a vida dos homens, controlá-los em suas potencialidades e utilizando um sistema de aperfeiçoamento gradual e contínuo de suas capacidades.

Nessa perspectiva, o poder e suas estratégias incidem diretamente tanto no corpo social quanto no corpo do indivíduo. O poder visa a controlar o sujeito e suas ações com o objetivo de constituir um sujeito produtivo para a sociedade, aumentando sua força de trabalho e suas habilidades para colaborar com a sociedade em que vive. Na nossa perspectiva, entendemos que o riso e os discursos sobre o riso também visam a controlar as ações do sujeito e torná-lo cada vez mais produtivo, pois quanto mais feliz, mais produtivo. Assim, conforme afirma Foucault (1995, p. 243), o poder é

conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações.

A proposta de Foucault (2010b) visa a demonstrar que o poder está presente nas diversas instâncias e age na multiplicidade de campos da vida social do indivíduo. Por isso, o sujeito, convivendo em sociedade, não está isento das relações de poder. Não há como escapar da imensa rede de poderes que se disseminam nos discursos mobilizados pelo sujeito cotidianamente. Desse modo, em relação ao discurso político, por exemplo, há momentos em que o riso é proibido e em outras oportunidades é obrigatório, pois ajuda a constituir a imagem de um político cordial e receptivo. Em outros momentos o riso auxilia o sujeito a denegrir a fala do outro em um debate político. Portanto, o riso como enunciado desempenha diversas funções e mobiliza múltiplos efeitos de sentido no cotidiano e não seria diferente no que tange ao discurso político. Ainda de acordo com Foucault (2010b), as relações de força apresentam-se como pequenos

enfrentamentos, microlutas, ou nas palavras do autor, micropoderes. Em nosso *corpus* observamos como o riso pode atuar como um micropoder.

Foucault (2010a) postula que em relação ao poder há sempre uma resistência, já que o exercício do poder não é supremo. De acordo com o autor, “as relações de poder são relações de força, enfrentamentos, portanto, sempre reversíveis. Não há relações de poder triunfantes e cuja dominação seja incontestável” (FOUCAULT, 2010a, p. 232). Para que o exercício de poder se mantenha é necessária uma luta constante, pois há possibilidade de irromperem discursos contrários. Essa resistência também aparece em relação ao riso, pois o discurso tenta subjetivar o maior número de indivíduos, mas os discursos de resistência tentam se contrapor. A resistência, portanto, constitui o exercício de poder, faz parte dele. Sempre que se constitui um poder ali há também um tipo de resistência sendo instaurado. Para o autor, não há uma posição neutra em relação ao poder, o sujeito não pode escapar ao poder.

Por fim, neste trabalho, tomamos como embasamento a noção de poder para entender o riso e sua relação com o sujeito em situação de interação na qual a FD política seja mobilizada. Adiante, recorreremos a um breve histórico do riso que nos ajudam a pensar nas funções sociais do riso e como ele funciona e se prolifera atualmente.

### 3. ASPECTOS HISTÓRICOS DO RISO

O riso já foi proibido, santificado, profano, repudiado e hoje adorado. Para percebermos um pouco dessas nuances realizaremos um rápido apanhado histórico. No período conhecido como Antiguidade Clássica havia intensa manifestação de repúdio ao riso, principalmente por integrantes de grupos como filósofos e cristãos. Nesse período histórico tanto o riso quanto o humor, são vistos de forma negativa e sua manifestação era restrita a ocasiões específicas, tais como festivais:

[era] típico da civilização grega que as ocasiões de riso e zombaria não fossem as do cotidiano, mas as do convívio social e das festividades. Os grandes festivais religiosos, em especial, permitiam aos gregos relaxar os padrões habituais de comportamento e entregar-se ao riso autêntico e ao humor irreverente (BREMER; ROODENBURG, 2000, p. 29).

Contudo, esse desprezo pelo riso não era por acaso, pois seu aparecimento “podia ser perigoso, e seu lugar na cultura tinha de ser limitado a ocasiões estritamente definidas. Os gregos sabiam que o riso poderia conter um lado muito desagradável” (BREMER; ROODENBURG, 2000, p. 30). Qual seria esse lado desagradável? Inferimos que o lado obscuro do riso está relacionado ao medo de a sociedade perder o controle, pois a ordem social poderia ser modificada e isso não poderia ocorrer.

O repúdio em relação ao riso era crescente e ataques pessoais e zombaria contra os cidadãos foram considerados grotescos. O controle sobre o riso foi levado a tal ponto que personalidades importantes desse período, tais como Platão e Aristóteles, não riam facilmente e Pitágoras nunca teria rido. Em síntese: para os gregos clássicos, o deleite em relação ao riso em abundância seria contrário ao esforço que deveria ser feito para manter a vida sob controle (BREMER; ROODENBURG, 2000).

A sociedade romana, por outro lado, era um pouco mais tolerante com o ato de rir. Dois de seus principais gêneros textuais serem dedicados ao riso: a comédia e a sátira. De acordo com MINOIS (2003), esse período foi marcado por uma tolerância maior ao riso, mas algumas restrições continuaram a existir, entre elas destaca-se a repressão em relação às críticas pessoais aos integrantes da sociedade romana. O riso proveniente de paródias envolvendo cidadãos era tolerável, desde que não houvesse um ataque pessoal severo ao cidadão. Identifica-se nesse período uma distinção bem evidente entre o riso aceitável e o riso não aceitável. No entanto, o riso, mesmo emergindo com moderação, não poderia envolver cidadãos de classes sociais diferentes, pois

Embora a brincadeira urbana fosse permitida entre os membros da classe alta, eles jamais estenderam o direito de fazer piada sobre um nobre para além de seu próprio grupo, muito menos para a classe popular: piadas dentro do grupo funcionam como um instrumento de coesão grupal, piadas de fora ameaçam o status (BREMER; ROODENBURG, 2000, p. 57).

Nesse período era aceitável rir da aparência das pessoas, isto é, deformidades ou anomalias físicas eram risíveis, mas havia um limite, não se poderia ir longe demais, porém, esse limite entre o aceitável e o não aceitável não era bem definido. Havia situações em que os cidadãos romanos poderiam rir livremente como, por exemplo, durante o período do carnaval. Nesse momento, o povo não precisava se preocupar com as normas rígidas de conduta ou com a separação entre as classes sociais (BREMER; ROODENBURG, 2000).

Além desse momento de festividades, outro momento em que o riso poderia ser utilizado era durante os discursos, no qual os oradores utilizavam o riso como forma de convencer a plateia sobre determinado assunto. Vemos nesse contexto o riso se instituindo como enunciado presente no discurso político, exercendo funções e poderes. Igualmente, é importante salientar que embora haja um espaço maior para a manifestação do riso entre os romanos, não há uma liberação total. A cultura romana e a cultura grega se assemelham bastante quanto a esse aspecto, principalmente na distinção entre o riso “bom” e o riso “mal”.

Na Idade Média, momento em que a distinção entre o que é tolerável e não é tolerável com relação ao riso continuam, ou seja, o controle se perpetua. Contudo, esse controle é realizado com maior veemência pela Igreja Católica, pois controlando o riso, a sociedade poderia ser controlada. É também uma relação de poder que envolve tanto o

discurso político quanto o religioso, já que os sacerdotes costumavam participar das decisões políticas em diversos países.

No entanto, dentre tantas tentativas para reprimir o riso, surge, por volta do século XII, um comportamento tanto inusitado quanto intrigante dos reis: o rei cômico (BREMER; ROODENBURG, 2000). Uma das funções obrigatórias do rei seria a de provocar o riso nos outros. Neste contexto, o riso mais uma vez emerge como enunciado do discurso político, tornando-se um instrumento de governo ou mesmo construindo uma imagem de poder monárquico, pois “examinando certos documentos tem-se a impressão de que, nas mãos do rei, o riso era um meio de estruturar a sociedade ao seu redor” (BREMER; ROODENBURG, 2000, p. 71).

Para estabelecer um contraponto no percurso histórico, realizamos um salto para apresentar considerações sobre o riso no século XX. Desse modo, podemos estabelecer distinções e mudanças em relação ao riso no decorrer dos anos. De acordo com Minois (2003), o riso no século XX é distinto daquele que mencionamos anteriormente, pois antes havia restrições em relação à sua prática, no entanto, na atualidade há uma liberação do riso, chegando ao ponto de serem considerados estranhos ou anormais aqueles sujeitos que aparentam tristeza ou sisudez. A imagem do político respeitável, por exemplo, não é mais a de um sujeito sério. Contudo, esse riso exagerado e cultuado demonstra que a população ri de si mesma e de suas desgraças e tragédias como forma de suportá-las. A sociedade desse século, de acordo com Minois (2003, p. 553), faz apologia à felicidade, tornando o riso obrigatório de um lado, e de outro “os espíritos tristonhos são postos em quarentena, a festa deve ser permanente”. Assim, o riso se prolifera e emerge em diversas FDs.

Por fim, a história nos revela pontos importantes sobre o riso e o exercício de poder, principalmente no que diz respeito à sua utilização como forma de distinguir grupos sociais e constituir-se como estratégia de controle. Com isso, estudar o riso significa entender quais os efeitos e funções no processo enunciativo, em especial, neste trabalho, relacionado ao discurso político.

#### 4. O RISO: ENUNCIADO E RELAÇÕES DE PODER

Para a análise selecionamos uma entrevista feita com Dilma Rousseff veiculada pelo *Jornal Nacional*<sup>i</sup> no dia dezoito de agosto de dois mil e quatorze, referente ao 1º turno das eleições e também um trecho do debate presidencial<sup>ii</sup> organizado pela Rede Bandeirantes que foi ao ar no dia quatorze de outubro de dois mil e quatorze, durante o 2º turno das eleições. Tais dados são relevantes por mobilizarem o discurso político e remontam a dizeres acerca da atual presidente que é adepta a poucos risos e o pouco riso faz com que haja a interpretação de que ela é uma mulher séria e até antipática.

No entanto, nas campanhas vê-se o contrário e situações nas quais a presidente sorri podem ser encontradas mais facilmente como, por exemplo, em comícios e programas eleitorais televisivos. Por outro lado, o candidato Aécio Neves ri frequentemente. São personalidades antagônicas e observar o comportamento deles em situação de interação vai contribuir com a perspectiva que adotamos para este trabalho.

É importante analisar também a posição que o sujeito ocupa e a imagem que ele deseja transmitir. Ocupando a posição de candidato político, espera-se que o riso tenha a função de demonstrar cordialidade, simpatia entre outros efeitos mais comuns. Inferimos que os risos de Dilma e de Aécio são programados e durante o período eleitoral apresentam funções, que podem ser interpretadas como demonstrar que eles são políticos competentes e receptivos aos eleitores, construindo uma imagem positiva. Dito isso, logo no início da entrevista, Dilma mostra esse riso cordial e simpático, mas de modo moderado. Desse modo, interpretamos que em situação de interação, normalmente, o riso emerge com efeito de cordialidade como uma saudação receptiva. Ao observarem o riso da entrevistada, os entrevistadores, retribuem o riso sutilmente.

Na entrevista, o jornalista Willian Bonner faz a primeira pergunta relacionada ao tema corrupção, tema que está em voga durante a campanha eleitoral e era um dos motivos de rejeição à candidata. Dilma inicia sua resposta e por volta do final do terceiro minuto da entrevista, observamos que o jornalista tenta por duas vezes interromper a resposta de Dilma que poderia reclamar ou ter outra atitude que demonstrasse um forte descontentamento, mas ela apenas ri. O riso se materializa, mas sua face, seus gestos e a situação de produção desse enunciado têm efeito de ironia relacionado ao seu descontentamento. Na situação em que se encontra o sujeito Dilma Rousseff seria indelicado tomar atitude diferente que pode ser compreendido pelos telespectadores como falta de educação, impaciência ou desconforto e um enunciado rude não é esperado. Desse modo, o riso demonstra a impossibilidade de enunciar o que o sujeito pensa. É um disfarce, uma forma de estar sem jeito. No entanto, o riso é acompanhado de um gesto com as mãos, que ajuda a identificar o efeito de sentido que é de descontentamento, pois não gosta da interrupção. Assim, quando relacionado ao discurso político, o riso como enunciado pode ajudar a criar uma imagem positiva do candidato, mostrando-o simpático.

Ao retomar a palavra, após a interrupção de Bonner, em vez de responder à outra pergunta feita, ela conclui sua fala anterior, reforçando seu descontentamento. Além disso, essa retomada da resposta à questão anterior faz com que Dilma mostre-se voluntariosa ao terminar o que queria dizer. Inferimos que os risos que emergem nessas circunstâncias são mecânicos preparados e não escondem sua forma de agir sério que lhe característica.

O tema corrupção, que se perpetuou por boa parte da entrevista, criou uma situação de tensão, corroborado pelas constantes interrupções realizadas pelos jornalistas, evitando que Dilma conseguisse terminar suas respostas de forma linear. As interrupções forçavam a candidata a se posicionar acerca da atitude tomada pelo Partido dos Trabalhadores (PT) em relação ao julgamento realizado pelo Supremo Tribunal Federal no caso conhecido como Mensalão, no qual foram condenados políticos de diversos partidos, incluindo o PT. No sétimo minuto percebe-se um desconforto por parte de Dilma ao perceber a insistência sobre o tema. Então, a candidata ri e o efeito desse riso visa a demonstrar que não há desconforto com a pergunta, porém, o efeito de sentido é outro e o riso denota nervosismo. Isso reforça a ideia de que não temos domínio acerca daquilo que enunciamos e os efeitos não podem ser previstos ou controlados pelos sujeitos. Esse riso nervoso de Dilma nessa situação enunciativa, diferente daqueles que já apresentamos. É notório que há constrangimento da candidata por estar em um programa de televisão, transmitido ao vivo e sendo questionada acerca de temas polêmicos<sup>iii</sup>, sendo vista e analisada por um público de possíveis eleitores. O riso demonstra, além do desconforto, a frustração por não poder dizer o que realmente quer. Nessa cena enunciativa, assim como em tantas outras do convívio social, há um controle do discurso, pois não se pode dizer qualquer enunciado em qualquer situação enunciativa, ou seja, a função enunciativa é controlada (FOUCAULT, 2009). Ocupando a posição de atual presidente, candidata à reeleição e bem colocada nas pesquisas de intensão de voto, espera-se que o sujeito seja eficiente nas respostas e simpático.

A entrevista prossegue e a nova pergunta relaciona-se à saúde. Dilma desenvolve sua fala acerca dos médicos nos hospitais e é novamente interrompida por Willian Bonner dizendo que ainda fará perguntas acerca da economia. A candidata olha para ele e diz que terá o maior prazer em falar sobre tal temática e ri novamente. A materialidade discursiva é a mesma, o riso, mas é um novo riso, portanto, um novo enunciado cuja materialidade é repetível, mas seus efeitos e funções são outros (FOUCAULT, 2009). O riso nessa cena enunciativa emerge com efeito de confiança a respeito do tema, o sujeito Dilma, por meio do riso, se mostra seguro e tranquilo para falar de qualquer assunto. Outrossim, esse riso constitui uma resistência frente ao exercício de poder do jornalista que está tentando intimidar Dilma, deixando-a saber que as notícias apontam para problemas econômicos decorrentes de suas ações à frente do poder executivo brasileiro. Assim, Dilma desdenha da intimidação de Bonner por meio do riso e um efeito de ironia acompanha esse riso.

No início do décimo terceiro minuto da entrevista, outro riso se materializa na face de Dilma enquanto escuta a pergunta elaborada por Willian Bonner acerca de economia. Esse é um riso forçado que tenta mostrar tanto uma tranquilidade e segurança quanto receptividade em relação ao tema abordado. Assim, por meio desse riso a candidata tenta exercer poder, criando uma postura firme e ao mesmo tempo serena, dando credibilidade às suas afirmações no decorrer da resposta.

No último minuto de entrevista, Dilma tem a oportunidade de se direcionar sua fala aos telespectadores e sua fala é acompanhada de riso. Esse riso tem efeito de simpatia, mobilizado frequentemente pelos candidatos em períodos eleitorais, tentando cativar o possível eleitor, isto é, uma situação em que o riso é previsto e necessário e espera-se uma atitude responsiva do eleitor na urna, votando na candidata que deseja construir a imagem de que é alguém responsável, respeitável e, ao mesmo tempo, receptiva, cordial e até bem humorada em situações tensas. Os coordenadores de campanha orientam os candidatos e riem demonstrando simpatia para os eleitores. Mas no decorrer da entrevista, vários risos com diversos efeitos emergiram, o que reforça nosso entendimento de que o riso é um enunciado, tendo em vista a noção postulada pelos estudos foucaultianos.

No discurso político, o riso também a função de desqualificar a fala do oponente e é um recurso bastante utilizado pelos candidatos em debates, por exemplo. A outra parte do corpus que selecionados, isto é, o trecho do debate realizado no 2º turno das eleições, do qual participaram Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB). Inicialmente, podemos afirmar que emergem poucos risos devido à tensão que existe em um momento de confronto pela disputa do cargo executivo de maior prestígio do Brasil: a Presidência da República. Outra observação é em relação ao candidato Aécio Neves que é o sujeito que ri com maior frequência, em contraposição à Dilma.

Logo no oitavo minuto do debate, ao responder a uma pergunta de Dilma sobre saúde, Aécio ri de forma debochada acerca da utilização do dinheiro público no programa Bolsa Família empregado como investimento em saúde. Esse não é um riso alegre, cordial, de satisfação, é um riso desqualificador das ações e posicionamentos do outro, assim, delineia-se um riso que demonstra o exercício de poder sobre o outro. De acordo com Foucault (2009), os enunciados têm a materialidade repetível, mas a cada vez que emergem são novos enunciados. Pensando o riso como enunciado, a materialidade semiológica se repete, mas o efeito de sentido e a função são efetivamente outros.

Continuando a responder sobre saúde, por volta do nono minuto, Aécio ri novamente para desqualificar sua adversária e suas considerações acerca do tema. No entanto, esse não é o mesmo riso, pois é perceptível e marcado em relação ao primeiro, evidenciando que o motivo de tal riso seria ainda mais absurdo do que o anterior. Ele ri também por se tratar de uma obviedade quando um governante quer continuar um programa que seja bom para a sociedade. É notório que Aécio utiliza-se do riso como estratégia de poder, desqualificando Dilma para colocando suas ideias acima das propostas adversárias, marcando a posição sujeito de um candidato que se considera melhor opção para os possíveis eleitores. Por outro lado, ao rir para desqualificar sua oponente, Aécio se mostra tranquilo ao expor suas ideias e deixa sua adversária em uma posição difícil. Importante destacar que até esse momento há uma ausência de risos por parte de Dilma, o que denota nervosismo e incômodo.

Aécio constrói uma imagem diferente de Dilma. A candidata, por ser mulher, procura se mostrar firme, decidida e séria para obter o respeito dos cidadãos que assistem ao embate dos presidenciáveis, corroborando a imagem de mulher séria que permeia o imaginário de parte da população a seu respeito. Na sequência, durante a resposta de Aécio ainda sobre saúde, outro riso desqualificador emerge e se intensifica à medida em que ele ridiculariza cada vez mais os dizeres de Dilma. Diferente da entrevista, Dilma não consegue se mostrar simpática e segura por meio de risos que emergem e sua seriedade pode ser analisada de modo negativo pelos eleitores.

Na réplica, ao final do décimo minuto, Dilma devolve um sorriso ao falar que Minas Gerais tem o terceiro pior desempenho do SAMU. Esse é um riso derrisório, desqualificador, mas também representa a resistência de Dilma ao apontar as fraquezas do adversário. Aécio faz a tréplica e já inicia com um riso por achar engraçadas as considerações de Dilma acerca de seu governo. São risos que se apoiam sobre os mesmos saberes e tentam exercer poder sobre o outro por meio da desqualificação. Vemos um diálogo entre os risos dos debatedores, um riso que responde ao outro e ao mesmo tempo tem efeito de defender-se e também é um modo de atacar o adversário. Desse modo, corroboramos a noção de enunciado que responde a outros enunciados (FOUCAULT, 2009) e vemos um riso respondendo a outro riso e constituindo-se ora como exercício de poder, ora como resistência, pois poder e resistência são duas faces da mesma moeda de acordo com Foucault (2010b).

No início do décimo sexto minuto de debate, Aécio, ao falar da Caixa Econômica Federal, ri como quem não quer acreditar na situação difícil na qual a Instituição financeira se encontra, de acordo com ele. O riso emerge mais uma vez e delimita a posição sujeito de Aécio ao criticar com veemência as ações da candidata Dilma no exercício da função presidencial, delineando uma postura que já se espera de um candidato de oposição. O riso delineia a função enunciativa, pois ri aquele que deseja ridicularizar, desqualificar as atitudes do outro, para mostrar-se como possível salvador das mazelas da sociedade. É o poder em funcionamento por meio do riso.

No geral, os risos de Dilma são mais sutis, confirmando sua postura de mulher séria e firme, o que na atualidade é visto como antipatia pelos eleitores. O riso delineia a função sujeito, pois espera-se que um candidato à reeleição presidencial apresente seriedade no que tange às questões que interessam ao país, no entanto, Dilma constrói uma imagem de sisudez ocasionada pela ausência do riso. Por outro lado, os risos exagerados de Aécio são ambivalentes, isto é, apresentam-se em cada situação enunciativa com efeitos e funções múltiplas, assim, além de terem efeito de desqualificar e debochar da adversária denotam nervosismo e desconforto quando questionado acerca de problemas encontrados em seu mandato em Minas Gerais. É um riso de disfarce, que tenta demonstrar tranquilidade em relação às acusações, mas tem um efeito contrário, já que o sujeito não tem controle acerca dos sentidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das análises, tentamos evidenciar a existência do riso como materialidade discursiva, isto é, como enunciado que se constitui por signos não linguísticos (FOUCAULT, 2009). Nas análises realizadas podemos verificar um controle exercido pelo riso, bem como sua utilização como estratégia de exercício de poder na política, dentre outros efeitos que podemos delinear por meio do *corpus* selecionado. Em relação ao discurso político, podemos afirmar que os risos corroboram a noção de micropoderes (FOUCAULT, 2010b), pois são enunciados sutis como um riso que são indícios de que a rede de poderes está em funcionamento e tensão constantes.

O riso é linguagem e tem efeito na interação entre os sujeitos em dada situação enunciativa. Precisamos ler e interpretar os risos que surgem no cotidiano, pois eles são fundamentais para a compreensão da comunicação entre os sujeitos. Nosso trabalho visa a suprir a necessidade de estudar a linguagem não verbal, pois observando as pesquisas em Linguística vimos que as manifestações não verbais são abundantes e, muitas vezes, estão relegadas a um plano secundário ou de complementaridade para o texto verbal, contribuindo assim para a valorização daquilo que está materializado em enunciados estritamente linguísticos. Essa postura de desconsideração do material não verbal pode tornar os alunos menos eficientes na leitura e na interpretação tanto de textos multimodais quanto de textos exclusivamente semióticos.

Por fim, nosso objetivo não é construir uma classificação estática e definitiva dos risos existentes, pois cada enunciado é único. As análises objetivam subsidiar as práticas de leitura e interpretação em múltiplas materialidades, tornando os leitores mais competentes para as sutilezas que o riso agrega aos discursos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BREMER, J.; ROODENBURG, H. (Org.) **Uma história cultural do humor**. Tradução Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000. 300 p.

DREYFUS, R; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. 3. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

\_\_\_\_\_. **Estratégia, poder-saber (Ditos e Escritos IV)**. Org. e seleção de textos M. B. Motta. Tradução V. L. A. Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Tradução e organização Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2010b.

\_\_\_\_\_. O Sujeito e o poder. In: DREYFUS, R; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 229-249.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a.

MACHADO, R. **Foucault, a ciência e o saber**. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. Tradução Maria Helena Ortiz Assumpção. São Paulo: UNESP, 2003.

SILVA, F. P. Articulações entre poder e discurso em Michel Foucault. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P. (Org.) **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder e subjetividade**. São Paulo: Claraluz, 2004. p. 159-179.

\* Doutoranda em Estudos Linguísticos e Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Goiás. Bolsista CAPES.

\*\* Pós-Doutorado em Educação pela Universidade de Brasília (2011) e Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2007). Professora Associada 1 na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

---

<sup>i</sup> A entrevista está disponível para visualização no site:

<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/videos/t/todos-os-videos/v/dilma-rousseff-e-entrevistada-no-jornal-nacional/3572518/>.

- <sup>ii</sup> O debate está disponível para visualização no site: <https://www.youtube.com/watch?v=UONc77EdF4A>.  
Por questões relacionadas à extensão do trabalho, selecionamos apenas o primeiro bloco do debate.
- <sup>iii</sup> O objetivo da série de entrevistas realizadas pelo Jornal Nacional, conforme afirma Willian Bonner antes do início da entrevista com Dilma é discutir temas polêmicos relacionados à candidatura dos sujeitos. Portanto, trata-se de assuntos que causam desconforto para o entrevistado.